

RELAÇÕES INTERNACIONAIS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O TRIPÉ DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO LEVADO À EDUCAÇÃO BÁSICA

International Relations in the Academic Outreach Project: the tripod of teaching, research and outreach projects led to the secondary education

Marrielle Maia¹

Ana Beatriz Arantes Araújo²

Pedro Costa Brunetta³

¹Universidade Federal de Uberlândia, Santa Mônica, MG, Brasil. **E-mail:** marriellemaf@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6857-6688>.

²Universidade Federal de Uberlândia, Santa Mônica, MG, Brasil. **E-mail:** anabearaujo@yahoo.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-3293-8445>.

³Universidade Federal de Uberlândia, Santa Mônica, MG, Brasil. **E-mail:** pedro.cbrunetta@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-4551-2195>

Recebido em 06 nov.2018 | Aceito em 24 ago.2019

RESUMO

A exigência legal de que os cursos de graduação reservem 10% de sua carga horária para a realização de atividades de extensão coloca para os cursos de Relações Internacionais o desafio de repensar suas práticas de extensão. O presente artigo busca contribuir com esse movimento de reflexão ao apresentar uma ação de extensão que leva para a educação básica o debate sobre o papel das organizações internacionais e a relação entre o global e local. A proposta é inovadora já na sua concepção, ou seja, do preparo dos alunos para a extensão na disciplina “Economia e Organizações Internacionais”, onde são empregadas metodologias ativas (*role playing*). Na parceria com as instituições de educação básica, as atividades de simulação vivenciadas pelos alunos da graduação são adaptadas para a realidade da educação básica junto com os professores de instituições parceiras. Após essa adaptação, os discentes da graduação ministram a atividade aos estudantes do ensino básico.

Palavras-chave: Relações Internacionais; Ensino, Pesquisa e Extensão; Organizações Internacionais.

ABSTRACT

The Brazilian legal exigence of setting 10% of the graduation courses' credits to outreach activities poses the challenge of rethinking their practices for the graduations courses in International Relations. The present article contributes to that reflexion by presenting an outreach activity that takes to elementary schools the debate on international organizations and the connections between global and local. The proposition is innovative in its conception: from the activity preparation of the undergraduate students inside the “Economy and International Organizations” discipline, where active methodologies (*role playing*) are applied. In the partnership with elementary schools, the modeling activities experienced by the undergraduate students are adapted to the school reality jointly with teachers from the partner school. After the adaptation, the undergraduate students impart the activity to the elementary students.

Keywords: International Relations; Teaching, researching and outreach; International Organizations.

INTRODUÇÃO

Pensar o sistema de Ensino Superior no Brasil é pensar o tripé Universitário. Cada um desses pilares ocupa um lugar único dentro da dinâmica universitária, em especial das universidades públicas, e desempenha um papel social relevante. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) reconhece a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Também afirma o objetivo de promover a educação em função do exercício da cidadania por meio da qualificação para o trabalho.

Apesar de a extensão ser reconhecida como relevante no processo formativo acadêmico-profissional, ela, historicamente, tem sido percebida como o pilar mais frágil. Isso se torna um problema quando reconhecemos que a extensão tem um desafio de destaque na interface da universidade com a população local: sintetizar a produção acadêmica e usá-la em benefício social direto da comunidade em seu entorno.

No âmbito dos cursos de Relações Internacionais, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) reafirmaram a exigência de que os planos político-pedagógicos dos cursos prevejam atividades de extensão conforme o Plano Nacional de Extensão vigente. O último Plano tem como meta que os cursos garantam a todos os estudantes matriculados a experiência da extensão, cuja carga horária deve corresponder a 10% do total do curso. (Maia, 2017)

No entanto, essa realidade está longe de ser alcançada. A pesquisa sobre o cenário desses cursos do Brasil encomendada pelo Conselho Nacional da Educação em parceria com a UNESCO, demonstra que apenas 35% de 111 projetos políticos-pedagógicos analisados registram atividades de extensão regulares (Maia 2017, p.56), conforme a figura 1.

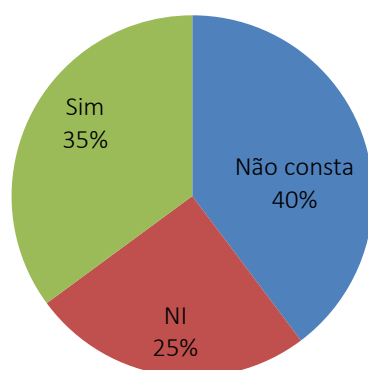


Figura 1. Gráfico da distribuição de cursos que preveem atividades de Extensão.

Ademais, nos cursos que possuem atividades de extensão regulares, a carga horária desse tipo de ação está computada no âmbito das atividades de formação complementar, o que passou a ser um equívoco a partir da aprovação do Plano Nacional de Extensão que designa espaço especial para a extensão, cujos aspectos formativos abrangem: o conhecimento da realidade nacional, o pensamento crítico, a cidadania ativa, o trabalho em equipe, o senso de solidariedade e a justiça social. Destarte, a extensão na Universidade não faz sentido se for esporádica, assistemática e sem vinculação com o ensino e com a pesquisa (Maia, 2017)

O projeto que inspirou o presente artigo, revela uma ação extensionista ancorada em uma disciplina que inova na opção por metodologias ativas de ensino. A aprendizagem baseada em projetos de simulação exige que o estudante pesquise e compreenda os aspectos próprios das Organizações Internacionais (contexto específico de aprendizado), atue na resolução colaborativa

de desafios e os proponha para os estudantes da educação básico nas escolas públicas. É uma oportunidade de incentivar as habilidades de investigação, reflexão e criatividade dentro das salas de aula da universidade e das escolas públicas, e no contato com a realidade.

A disciplina de Economia e Organizações Internacionais (EOI) possui 72 horas-aula, que são divididas em atividades teóricas e práticas. Os dois primeiros meses de aula são dedicados ao debate teórico sobre o papel das instituições internacionais. O conhecimento adquirido pelos estudantes em disciplinas oferecidas em semestres anteriores são ressignificados a partir de discussões que colocam em destaque as Organizações Internacionais.

No decorrer da disciplina, os estudantes são divididos em quatro grupos de seis a dez alunos para o desenvolvimento e preparação de atividades de simulação. Esses grupos têm a responsabilidade escolherem uma organização e apresentarem uma proposta de simulação em debates/negociações que são formulados em torno de situações-problema transformados em um guia de simulação. Todo o processo é orientado pela professora da disciplina e auxiliado por estagiários docentes e por monitores da graduação. Após concluírem a disciplina, os mesmos estudantes são convidados a adaptarem suas propostas de simulação para desenvolvê-las no projeto de extensão.

Este artigo apresenta considerações sobre o emprego de metodologias ativas no ensino sobre Organizações Internacionais na contemporaneidade, dentro da disciplina específica, e a motivação de desenvolver esse tipo de metodologia nas escolas públicas de ensino básico. Também descreve o projeto de extensão articulado à disciplina desde o ano de 2016, chamado “Troca de saberes no campo das relações internacionais: o tripé do ensino, pesquisa e extensão levado à educação básica”, e discute sua contribuição como atividade articuladora do tripé universitário.

AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UMA EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA SOBRE ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

As discussões a respeito dos paradigmas pedagógicos no Ensino Superior têm apontado para a necessidade de buscar uma adequação maior entre a forma como o conhecimento é entendido e produzido e as práticas das instituições de nível superior em todo o globo. Kahn e Agnew (2017) alertam que no século XXI a produção científica se tornou muito mais colaborativa e global: as parcerias e os grupos de colaboração têm avançado agendas de pesquisa para além das fronteiras nacionais e do conhecimento. Ao mesmo tempo, grande parte das Instituições de Ensino Superior enfrenta dificuldades para inovar na adoção de métodos de ensino-aprendizagem que se adequem aos novos tempos.

No cenário atual, o pensamento reflexivo-analítico aparece como um processo altamente desejável para a formação crítica dos estudantes no Ensino Superior, superando as abordagens tradicionais de ensino, em que a figura do professor era a figura ativa, o que ensina, e o aluno passivo, o que aprende. Através do emprego de metodologias ativas, é possível colocar o aluno

em situações únicas e novas, a partir das quais o conhecimento emerge e se solidifica, à medida que o aluno realiza as atividades propostas. A reflexão a respeito das atividades em que participaram completa o processo de aprendizado (Borges e Alencar, 2014; Romanowsky e Dorigon, 2008).

Quando se empregam metodologias ativas de ensino, o conhecimento é construído de forma participativa. Aos alunos é oferecida a posição de sujeito ativo e protagonista no seu processo de ensino-aprendizagem, enquanto o professor, que antes ocupava tal posição, passa a atuar como um mediador ou um facilitador das atividades. (Becker, 2001; Borges e Alencar, 2014). A metodologia, favorece o desenvolvimento de uma autonomia intelectual dos estudantes, ao se reconhecerem como protagonistas do processo. Ademais, fomenta atitudes de responsabilidade e comprometimento com as atividades.

Em consonância com o emprego das metodologias ativas, Kahn e Agnew (2017) propõem a adoção de um paradigma global de ensino-aprendizagem, ancorado em perspectivas relacionais e na aprendizagem a partir da diferença. As autoras reforçam o diagnóstico: o momento atual coloca em destaque o processo de aprendizagem, exigindo que as posições de “professor” e “aluno” sejam repensadas.

Dentro da perspectiva relacional, outras dicotomias também são repensadas. A partir do entendimento de que o mundo é composto de relações em que são coproduzidos efeitos em todos os participantes desses processos, a compreensão das dinâmicas domésticas e internacionais, do global e do local, torna-se mais rica. E reconhecendo-se parte dessas interconexões, estudantes e professores precisam identificar e reconhecer também “o diferente” com o qual se relacionam (Kanh e Agnew, 2017).

As autoras Kahn e Agnew (2017) resgatam a contribuição de VanBalkom (2010) a respeito da “anatomia da perspectiva” para indicar a necessidade de aprofundar a compreensão sobre os diversos olhares pelos quais é possível ver o mundo. Nas interações humanas, e na produção de conhecimento, portanto, é preciso desconstruir o próprio ponto de vista, levando em conta, e “dissecando”, os contextos histórico-culturais, políticos, econômicos, étnico, religiosos do outro. É o exercício de se colocar no lugar do outro, para ver o mundo a partir de seus olhos.

A pluralidade e a multiplicidade de vivências devem, assim, ser levadas para a sala de aula, proporcionando que o encontro com a diferença seja uma constante no processo de ensino-aprendizagem (Kanh e Agnew, 2017). Isso é possível ao trabalhar as diferenças e dicotomias entre professor e alunos, e entre os próprios alunos, na universidade. Outra vivência é a internacionalização da sala de aula, como propõem Kahn e Agnew (2017).

O emprego dessa perspectiva nos cursos de graduação em Relações Internacionais aponta para a formação profissional de competências e habilidades que permitam pensamento analítico-reflexivo e a interação em ambientes plurais e diversos, com a capacidade de solucionar conflitos e negociar com atores diversos.

As organizações internacionais, constituem por si, um ambiente desse tipo. Ao mesmo tempo em que são objeto de estudo dos acadêmicos, são palco de atuação dos profissionais de Relações Internacionais. A compreensão de suas características, seu funcionamento e das dinâmicas que nelas se desenvolvem é beneficiada pela adoção de uma perspectiva global de ensino-aprendizagem, bem como de metodologias ativas no ensino.

A disciplina de EOI tem sido um espaço de experimentação desse tipo de metodologia, em combinação com metodologias tradicionais. A proposta apresentada aos alunos é a de que se desenvolva atividades de simulação⁴ de situações vinculadas à atuação e ambiente de organismos internacionais, a serem desenhadas, planejadas, desenvolvidas e avaliadas pelos próprios alunos, com o auxílio da professora e de monitores.

Grande parte das atividades da disciplina é desenvolvida em grupos de trabalho, que são responsáveis por coordenar as atividades em cada ciclo do semestre. Após a apresentação da dinâmica da disciplina e do cronograma, a turma é dividida em grupos e deve conduzir o trabalho extraclasse de pesquisa, estudo e formulação de uma proposta de simulação. As organizações internacionais devem ser escolhidas pelo grupo propositor, respeitando o critério quanto ao tema/tipo de trabalho por elas desenvolvidos. A proposta é avaliada pela professora e pelos monitores, e passa por um processo de refinamento. Nesse meio tempo de pesquisa extraclasse, toma lugar um bloco de aulas teórico-expositivas e dialogadas que buscam introduzir conceitos básicos da temática das Organizações Internacionais aos alunos, além de instigar seu interesse pelo universo de tais instituições e acompanhar o desenvolvimento do trabalho dos grupos.

Os ciclos de simulação são compostos por quatro encontros: um encontro de “modelagem” ou preparação, dois encontros de simulação e um encontro de *feedback*. Durante a “modelagem” o grupo propositor apresenta aos demais grupos a sua proposta, a problemática (de cunho técnico ou diplomático) que deve ser tratada no âmbito da simulação, designa papéis a cada grupo e recebe sugestões dos demais grupos, fazendo as adaptações necessárias. Nos encontros de simulação, a atividade de representação (*role playing*) toma lugar e, por fim, o trabalho que foi realizado é avaliado de forma coletiva, durante a sessão de *feedback*, pelo próprio grupo propositor, pelos demais grupos, pela professora e pelos monitores. A avaliação também é realizada de forma individual por meio de um questionário semi-estruturado apresentado aos alunos assim que os encontros de simulação são encerrados.

O desenho da proposta de simulação exige do grupo um trabalho de pesquisa exploratória a respeito das organizações internacionais existentes e de sua atuação, a fim de escolherem uma

⁴ As simulações de organismos internacionais são encontros em que estudantes ou profissionais se reúnem para representar o trabalho desenvolvido dentro dessas organizações. A cada grupo ou pessoa é atribuído um papel: secretariado ou funcionário público internacional, representante diplomático ou político de um país, técnico/especialista, representante da sociedade civil internacional, entre outros. Os participantes interagem a respeito de um tema e seguindo as normas da organização que se pretende simular e, geralmente, negociam um produto da organização ou do comitê: tratados, resoluções, recomendações, cartilhas, etc.

para aprofundarem seu estudo. O grupo possui autonomia para propor a organização, o tema, a problemática e a instância decisória em que ocorrerá a simulação. Determina, ainda, os atores participantes e os objetivos do encontro para cada um deles. Essa atividade permite que entrem em contato com a diferença e explorem, dentro do próprio grupo e para a montagem da proposta, as diferentes visões a respeito da problemática.

A representação de papéis durante a simulação proporciona pôr em prática a “anatomia da perspectiva” (Vanbalkon citado por Kanh e Agnew, 2017). Cada aluno (ou grupo de alunos) precisa representar (*role playing*) um personagem diferente, e defender seus interesses em uma negociação de posições. É preciso se preparar com pesquisa a respeito da realidade em que se encontra o personagem a ser representado, seu modo de viver e conceber o mundo e o tema que se apresenta. Na perspectiva das Relações Internacionais, isso significa pensar na visão de mundo de Chefes de Estado, diplomatas de carreira, funcionários de organizações internacionais, técnicos de áreas diversas, membros de movimentos sociais e ONGs, vítimas de violações de direitos humanos, oriundos dos mais diversos países.

As sessões de *feedback* têm enorme importância para que o aluno tome consciência do próprio processo de aprendizagem e que o processo se torne de fato coletivo. A própria avaliação e atribuição de nota é responsabilidade compartilhada entre o grupo propositor, a professora, monitores e os próprios alunos por meio da autoavaliação. É importante que todos os alunos tenham em mente o que foi proposto, o que foi executado e os critérios definidos anteriormente para a avaliação do trabalho, e que façam a avaliação a partir dessa reflexão.

A participação dos monitores, que foram alunos em semestres anteriores, permite ainda uma troca de experiências adicional, e proporciona horizontalidade no aprendizado entre os alunos. Os monitores auxiliam no desenho da simulação e no desenvolvimento do trabalho, contribuindo nos aspectos que puderem, acompanham de perto o trabalho dos grupos e auxiliam a professora na avaliação. A atuação do estagiário docente permite um diálogo entre a graduação e a pós-graduação, especialmente voltada ao aprimoramento dos métodos utilizados na disciplina.

Como os alunos têm autonomia para a proposta das simulações, cada semestre é único, rico e valioso. A intervenção da professora acontece em diversos momentos, em especial para apontar e discutir assuntos pertinentes, presentes na ementa da disciplina e que não foram levantados durante as discussões. Dessa maneira, faz-se uma conexão com o bloco de aulas expositivas no início do semestre, a fim de que o conhecimento teórico encontre ecos na vivência, ainda que simulada, da prática.

Além das atividades desenvolvidas durante o horário de aula da disciplina, o projeto piloto de extensão, apresentado a seguir, tem como objetivo aprofundar a participação dos alunos de Relações Internacionais nessa experiência. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do projeto proporciona aos alunos do ensino básico de instituições públicas da cidade de Uberlândia o

contato com o global, contribuindo para que eles também experimentem a diferença, a “anatomia da perspectiva” e enriqueçam seu processo de aprendizagem.

O PROJETO

O projeto de extensão tem como público alvo os professores e alunos das escolas de Ensino Médio e Ensino Fundamental situadas em Uberlândia. A primeira edição do projeto foi registrada no ano de 2016, desde então o projeto foi reeditado anualmente. A vinculação do projeto com a disciplina é fundamental, pois ele tem como objetivo levar a experiência das simulações para as escolas de ensino básico. Os interlocutores são os professores e os alunos da educação básica.

Adota-se, para seu desenvolvimento, a perspectiva de extensão consolidada, cujas diretrizes valorizam a interação dialógica, interdisciplinaridade, interprofissionalidade, e indissociabilidade do tripé universitário (ensino, pesquisa, extensão). Parte-se do pressuposto de que a ação extensionista é concretizada no fazer junto com a comunidade. Assim, tanto os alunos de graduação, como professores e alunos da educação básica participam da atividade com os seus saberes e transformam-se mutuamente.

A fase inicial do projeto prevê reuniões entre os estudantes da graduação de cada grupo propositor com dirigentes das escolas parceiras. São, inicialmente, identificadas as disciplinas e os professores que, em função do currículo e planejamento da própria escola, estariam abertos a recepcionar a atividade.

Depois dessa fase inicial, professor da escola parceira e grupo propositor avaliam conjuntamente como a proposta de simulação pode ser adaptada para o público alvo. Na adaptação são considerados aspectos como linguagem do guia e dos documentos de consulta, a relação do tema abordado com os temas da disciplina escolar, o tempo de realização da atividade, entre outros aspectos identificados nas reuniões de trabalho. É importante salientar que o material produzido na disciplina de EOI é apresentado apenas como base para a construção de uma nova proposta de simulação, que será realizada em conjunto com os educadores do ensino básico.

A primeira experiência de extensão no formato relatado, contou com a parceria da Escola Estadual Maria da Conceição Barbosa de Souza, na cidade de Uberlândia - MG. As disciplinas de História e de Geografia recepcionaram a atividade voltada para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Ao todo, 24 estudantes participaram da dinâmica em grupo, sendo orientados por 5 alunos da graduação em Relações Internacionais da UFU, pela docente da disciplina de EOI e coordenadora do projeto e por duas professoras da mesma escola, responsáveis pelas disciplinas escolhidas.

A organização internacional escolhida para a simulação foi a Organização Mundial da Saúde e o tema central foi a eclosão de epidemias como risco para a saúde global. Como problemática orientadora da discussão, o grupo propositor escolheu abordar propostas no âmbito da

cooperação internacional para conter o risco do Zika vírus. A partir do guia de estudos utilizado na disciplina da graduação, foi produzido em conjunto com a professora de geografia um folder com orientações sobre a dinâmica. A atividade foi dividida em quatro momentos ao longo de três dias de atividades, correspondentes à dinâmica das simulações empregada na disciplina de EOI. O limite de tempo das etapas correspondia à duração de 50 minutos, tempo de aula das disciplinas receptoras da atividade.



Figura 2. Fotografia do folder com orientações da simulação da OMS.

O primeiro momento (modelagem) foi também o primeiro contato entre os estudantes da graduação e da educação básica. Em um momento de aula expositiva, os alunos da graduação apresentaram, sob supervisão dos professores: (1) o curso de graduação em Relações Internacionais, assim como os contornos e propósitos do projeto de extensão; (2) a origem, natureza e significado das Organizações Internacionais; (3) o tema geral da proposta no âmbito das relações internacionais e da cooperação internacional; (4) a problemática no âmbito da organização internacional escolhida; (5) a dinâmica e as regras da simulação. Na sequência, os alunos participaram de uma discussão sobre a proposta da atividade. Foram esclarecidas as dúvidas e apontadas novas propostas de adaptação dos próprios alunos da educação básica para a execução da simulação. A atividade foi acolhida com entusiasmo por parte dos participantes. As principais curiosidades dos alunos giraram em torno da produção de documentos que servem de arcabouço para a tomada de decisão dos Estados, que eles iriam representar, no ambiente internacional.

Vale esclarecer que para os dias de simulação, foi pensada com cuidado a organização espacial da sala. A distribuição das carteiras dos alunos em forma de “U”, fora do formato tradicional da escola, permitiu contato visual direto com os interlocutores. Os estudantes da graduação assumiram três funções: composição da mesa-diretora dos trabalhos, consultores e relatores da atividade. A mesa-diretora providenciou as condições para que a discussão fosse realizada de forma organizada, simulando os ritos procedimentais próprios das organizações internacionais. Os consultores foram responsáveis por elucidar o contexto da simulação e

estimular os estudantes a apresentarem suas pesquisas e propostas, atuaram de forma a promover a superação da timidez inicialmente demonstrada pelos estudantes do ensino básico; os dois relatores registraram os momentos importantes da dinâmica e contribuíram também para o esclarecimento de dúvidas. Os alunos da educação básica assumiram a função de delegações diplomáticas de países e organizações convidadas.

No início da segunda sessão, foi designado um momento para rememorar os resultados do primeiro encontro. Os consultores forneceram informações técnicas que permitiram discussões para além do campo da saúde, abordando temas como: direitos humanos, política comercial, soberania dos Estados, globalização e localidade. Ao final desse encontro, e como resultado da simulação, foi produzido um relatório com os resultados da negociação.

O terceiro e último encontro, dedicado à autoavaliação e a avaliação da atividade, permitiu expandir a reflexão para além do tema, permitiu refletir sobre o próprio processo de ensino-aprendizagem. A avaliação da atividade foi realizada por meio de questionários respondidos pelos alunos da escola básica. O questionário era composto por perguntas simples que permitiram identificar a receptividade dos estudantes quanto às atividades propostas pelo projeto de extensão, bem como sua aproximação com o universo das organizações internacionais. Os resultados foram o acolhimento da atividade com avaliação entre bom e excelente.



Figura 3. Fotografia da atividade de simulação

A autoavaliação da atividade pelos estudantes de graduação ressaltou a relevância do trabalho colaborativo com os professores do ensino básico. O principal desafio foi o de mediar o processo de ensino-aprendizagem: como traduzir o conhecimento técnico/acadêmico em uma linguagem adaptada a estudantes do ensino fundamental. Os estudantes da graduação também relataram admiração com o envolvimento dos alunos na atividade e a capacidade de pesquisa que permitiram a identificação de soluções da problemática muito próximas àquelas identificadas pelos colegas da graduação na simulação ocorrida durante a disciplina de EOI.

Uma outra experiência do projeto de extensão aliou as disciplinas de História e Língua Portuguesa, em parceria com a Escola Municipal Sérgio de Oliveira Marquez, também em Uberlândia. A atividade contou com o envolvimento de nove estudantes da graduação, a professora de EOI e coordenadora do projeto, duas professoras do ensino básico (de História e Língua Portuguesa) e 31 estudantes do ensino básico.

A proposta de adaptação tinha a Organização Internacional do Trabalho como espaço para a construção de soluções e estratégias para o combate à exploração de mão-de-obra infantil. A atividade foi organizada nos mesmos moldes da experiência relatada anteriormente, em três etapas (modelagem, simulação e feedback). O tempo de atividade disponibilizado pela escola foi maior e concentrado em três dias de atividades. A escola também dispunha de um laboratório de informática que foi disponibilizado para a atividade. Foi possível o desenvolvimento de pesquisas durante as atividades e também de equipamento de multimídia para a facilitação dos processos de ensino-aprendizagem. As professoras das disciplinas de História e Língua Portuguesa também vincularam o projeto a atividades avaliativas como componentes curriculares próprios, que consistiram na apresentação da pesquisa realizada por parte dos alunos e da elaboração de um relato sobre o tema da exploração da mão-de-obra infantil na perspectiva dos personagens representados na simulação.

A discussão proposta no âmbito da OIT permitiu que os alunos do ensino básico compreendessem a relação entre as normas internacionais e o Direito doméstico, a relação entre Direito e Política, e as diferenças os sistemas econômicos de produção. Fazendo correlação com a disciplina de História, foi possível destacar as mudanças nas relações de trabalho no decorrer do tempo. Segundo a avaliação dos estudantes da graduação, foi interessante perceber como os alunos trouxeram temas transversais ao debate, como a perspectiva de gênero na exploração do trabalho de crianças e adolescentes. Ademais, surpreendeu que os alunos do ensino básico se preocuparam em discutir como o trabalho infantil afeta a vulnerabilidade econômica de determinadas regiões. As propostas e soluções sugeridas pelos alunos foram organizadas no formato de recomendações da OIT aos países, de maneira que a disciplina de Língua Portuguesa pode contribuir com o entendimento das diferentes formas de comunicação e linguagem.

Nessa oportunidade, os alunos da graduação e os professores envolvidos no projeto organizaram a sessão de *feedback* de forma a ouvir os alunos, além de colher impressões por meio de questionários. Foi um momento importante, uma vez que durante a simulação percebeu-se que apesar do tema ser relacionado à infância, os estudantes tiveram dificuldade em se identificar com a questão colocada. Ao mesmo tempo, os alunos confirmaram durante as autoavaliações que o método da simulação permite aprender sobre a realidade internacional, as organizações internacionais e seu papel na relação entre o global e o local, compartilhando o mesmo entendimento dos estudantes da educação básica participantes da primeira experiência relatada.

A experiência de realizar a sessão de *feedback* e avaliação coletiva com os alunos da educação básica, da mesma forma que realizada nos ciclos de simulação dentro da disciplina da

graduação, foi muito enriquecedora e será mantida para as próximas edições do projeto. Para os estudantes da graduação a experiência foi considerada fundamental para o seu próprio processo de ensino-aprendizagem. Segundo os estudantes, o trabalho conjunto com os professores do ensino fundamental fez pensar na relação global-local a partir de outra perspectiva. Além disso permitiu o aprimoramento de competências e habilidades, especialmente a da compreensão de realidades complexas, habilidades de pesquisa e uso de novas tecnologias, habilidades interpessoais (empatia), habilidades de comunicação em língua portuguesa, habilidades próprias do campo da docência. Ter a oportunidade de retroalimentar o projeto com as experiências anteriores é um dos ganhos de refletir com a equipe, os próprios alunos da graduação e monitores e os professores da educação básica, o desenvolvimento das atividades, na mesma dinâmica de *feedback* utilizada durante as simulações. É, sem dúvidas, um procedimento que deve ser levado em consideração ao expandir e incorporar as atividades de extensão de maneira obrigatória na grade curricular dos cursos de graduação.

CONCLUSÕES

A importância de que todos os estudantes matriculados em cursos de graduação tenham a oportunidade de experimentar a troca de saberes com a comunidade externa é afirmada nas DCNs dos cursos de graduação em Relações Internacionais, aprovadas em 2017. A realidade orçamentária das universidades públicas e alguns entraves burocráticos revelam que essa não é uma oportunidade para todos. Além disso, uma das principais críticas à política atual de extensão das universidades está no fato das atividades não serem planejadas, muitas vezes serem esporádicas e sem vinculação com o ensino e a pesquisa.

O presente artigo apresenta os resultados de um projeto continuado, onde a experiência de extensão conecta-se de maneira direta às atividades de ensino e pesquisa, articuladas no âmbito da disciplina de Economia e Organizações Internacionais do curso de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia. O projeto, intitulado “Troca de saberes no campo das relações internacionais: o tripé do ensino, pesquisa e extensão levado à educação básica” iniciou-se em 2016 e segue em desenvolvimento. Propõe a vivência da extensão dentro das escolas públicas da cidade, amplia o contato dos alunos da educação básica com as organizações internacionais, cria a necessidade e a oportunidade da pesquisa no âmbito das Relações Internacionais, e exercita a associação dos pilares do tripé da formação universitária.

A vinculação do projeto com a disciplina permite uma atividade planejada, sistemática, permanente e que permite a participação da totalidade dos alunos do curso. A troca de saberes com alunos e professores da educação básica tem se mostrado extremamente rica. Temas globais são trazidos para a localidade de forma didática, mas também lúdica. Os estudantes universitários são beneficiados uma vez que vivenciam o seu papel de cidadão e tem a oportunidade de retribuir o investimento da sociedade na sua formação. Também colhem diferentes olhares e perspectivas sobre os seus temas de estudo. As escolas públicas são beneficiadas com uma atividade extracurricular que promove o ensino por meio de metodologia ativa e troca de saberes. Os

professores ganham interlocutores na realização de suas práticas pedagógicas. Os alunos do ensino fundamental e médio recebem a oportunidade do contato com temas que são aparentemente distantes de sua realidade, mas impactam seu dia a dia. Passam a ser protagonistas no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, M. C. e Masuetto, M. T. (1990), *O professor universitário em aula*, São Paulo, MG.

Becker, F. (2001), *Educação e construção do conhecimento*, Artmed Editora, Porto Alegre, RS.

Berbel, N. A. N. (2011), “As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes”, *Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, 32(1), jan./jun., pp. 25-40.

Borges, T. S. e Alencar, G. (2014), “Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior”, *Cairu em Revista*, ano 3, n. 4, jul/ago, pp. 119-143.

Brasil (1996). Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Diretrizes e Bases do Ensino Nacional*. Brasília, DF.

Dorigon, T. C.; Romanowski, J. (2008), “A reflexão em Dewey e Schön”, *Revista Intersaberes*, Curitiba, ano 3, n. 5, p. 8 - 22, jan/jul 2008.

Kahn, H. E. e Agnew, M. (2017), “Global Learning Through Difference: Considerations for teaching, learning, and the Internationalization of Higher Education”, *Journal of Studies in International Education*, 21(1), pp. 52-64.

Maia, M. (2017). O Cenário dos Cursos e Relações Internacionais do Brasil. Documento técnico 1 do Projeto CNE/UNESCO 914/BRZ1042.3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/projeto-cneunesco> [acessado 26 out. 2018].

Universidade Federal de Uberlândia (2008), *Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Relações Internacionais*, Uberlândia, MG.

Vanbalkom, W. D. (2010), “Educational transformation with a new global urgency”, *Perspectives on Education: Voices of Eminent Canadians*, n. 3, pp. 147-155.